

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM TRIENTE DE RECARADO BATIDO EM CHAVES.

GARCIA, A. Elias

Ano: 1944 | Número: 54

Como citar este documento:

GARCIA, A. Elias, Um triente de Recaredo batido em Chaves. *Revista de Guimarães*, 54 (1-2) Jan.-Jun. 1944, p. 36-39.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um triente de Recaredo batido em Chaves

A importância histórica da antiga vila de Chaves, em épocas bastante recuadas, está bem patente na sua documentação lapidar, de que se ocupou recentemente o erudito arqueólogo Sr. Mário Cardozo ⁽¹⁾.

Com a invasão germânica no séc. V, é de presumir que as tradições impregnadas naquele burgo se mantivessem, e por consequência a *Aquæ Flaviæ* dos romanos devia ter sido igualmente apreciada pelos reis visigodos para lhe concederem a honra de bater moeda, aliás uma das preocupações mais características dos invasores nas diversas localidades da Península.

A História falha-nos muito com documentos desses tempos de lutas convulsivas com os suevos e destes com os visigodos, no entanto sabe-se que Chaves foi uma das terras que mais se notabilizou na revolta contra as tropas suevas às ordens de Frumário em 460 ⁽²⁾, sendo nessa ocasião prêso e exilado por três meses o notável Idácio, ao tempo bispo daquela diocese ⁽³⁾.

Os documentos eclesiásticos referentes à divisão de Wamba, da Península em bispados, não fazem menção de Chaves, circunstância esta que já tínhamos notado, mas pelo triente que vamos tratar, cuja cunhagem, salvo melhor opinião, atribuímos à «ceca» de Chaves, temos que reconhecer que esta localidade era ainda no tempo de Recaredo sufragânea de Braga,

⁽¹⁾ *Mário Cardozo* — «Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da região de Chaves». Chaves, 1944.

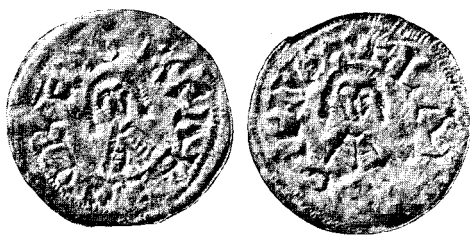
⁽²⁾ *Wilhelm Reinhardt* — «O Reino Hispânico dos Suevos». Coimbra, 1944. (Pág. 25).

⁽³⁾ *Florez* — «Espanña Sagrada». Tómo IV — Idácio ilustrado, n.º 58. Tómo XXII — Notícia de Aquas Flaviæ, n.ºs 10 e 11.

Triente de Recaredo batido em Chaves



(Tamanho natural)



(Ampliação)

segundo a divisão dos bispados organizada pelos suevos.

Este triente de Recaredo, objecto da presente notícia, está hoje na posse do Sr. Dr. Montalvão, em Chaves, e faz parte dum núcleo de moedas antigas que pertenceram ao falecido reverendo Liberal Sampaio, pessoa muito dedicada a antiguidades e que no decorrer da sua vida ia adquirindo tudo o que apparecia, de valor arqueológico, naquela região. E' de prever mesmo que todas aquellas moedas por lá tivessem sido encontradas.

Há pouco tempo foi examinado este pequeno numofiliácio pelo illustre arqueólogo Sr. Mário Cardozo, cujo elevado espirito de observação o levou à suposição, e muito bem, quanto a nós, de que o referido triente poderia ser oriundo de officina monetária flaviense.

Esta moeda visigoda não é das mais felizes para início de estudo, porque está mutilada precisamente na parte que mais interessava, mas, também, não é para desprezar, pois há ainda deducções a fazer, conclusões a tirar, e é esse o motivo porque vem à publicidade.

Apresenta ela, como se vê, em ambas as faces, o busto clássico de tipo galaico e tem o peso de 18,40 de harmonia com o módulo de 19^{mm}. No anverso lê-se sem difficuldade a legenda ✠RECCAREDV·RE· onde os pontos substituem respectivamente um S e um X, artificios já muito conhecidos.

No reverso ✠ELAV:Λ∞PIVS pretendemos ler *FLAVIIS PIVS* ou *FLAVIAS PIVS*.

Quanto a *PIVS* já sabemos que é o título frequentemente usado nas legendas destas moedas; e da primeira palavra, fora de discussão, podemos colocar desde já as letras *L*, *A*, a perna do *V* e o *S* final.

A primeira letra afigura-se-nos um *F* em que o artista pôs quasi na base o braço transversal que devia pôr em cima, acidente este, como muitos outros, frequente na amoedação visigótica.

Na parte mutilada nada se pode assegurar, mas parece haver a existência de pontos (como representantes de *ii*) ou dêstes com a letra *A*. O conjunto, não permitindo mais letras, faz aceitar sem esforço que seja na realidade *FLAVIIS* ou *FLAVIAS*.

Sendo razoável considerar a hipótese da primeira letra poder ser interpretada por um *K*, pelo facto dos traços transversais convergirem um pouco para o meio da letra, quer-nos parecer que a leitura da palavra *KLAVIIS* ou *KLAVIAS* não alterava a classificação atribuída, até pelo contrário viria auxiliar o problema filológico ⁽¹⁾ da evolução do vocábulo que produziu *Chauias* ou *Chavias*, como se encontra escrito nos documentos dos princípios da monarquia ⁽²⁾.

Na verdade, nos documentos de escrita visigoda, encontram-se várias incorrecções ortográficas de influência nitidamente germânica. Os invasores, para se adaptarem à língua latina, tiveram de a acomodar às suas especiais condições eufónicas e daí, as alterações sofridas pela pronúncia, eram reflectidas necessariamente na escrita. Tôdas as vogais e muitas consoantes sofreram essa influência. A letra *K* por ex., que agora nos interessa, era usada para substituir o *C* (*Kastella* por *Castella*, etc.) ⁽³⁾ e outras vezes para substituir o *Ch* (*Kindasvindus*, *Kintila*, etc. por *Chindasvintus*, *Chintila*, etc.). E' curioso notar que este último exemplo ainda hoje se observa em autores de origem germânica.

Com uma legenda de tal natureza é este o primeiro triente que observámos. Não quer isto dizer que seja inédito, pois conhecíamos já uma legenda muito semelhante ⁽⁴⁾ iniciada por uma letra que igualmente foi interpretada por um *K*, mas como o exemplar que lhe diz respeito não está reproduzido na obra, não podemos por isso fazer comparações concretas.

Dada a escassez de documentos, o estudo da Numária Visigoda tem de se fazer assim lentamente

⁽¹⁾ *General Ribeiro de Carvalho* — «Chaves Antiga». Lisboa, 1929. (Págs. 33-34).

⁽²⁾ *Portugaliae Monumenta Historica* (Leges et Consuetudines). Vol. I, Fasc. III, pág. 686.

⁽³⁾ *Muñoz y Rivero* — «Paleografia Visigoda». Madrid, 1919. (Cap. VI, págs. 111 a 115).

⁽⁴⁾ *Don Pio Beltran* — «Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense». Tõmo V (1915-16), págs. 151 e 161.

à medida que os exemplares vão surgindo do solo ou dos cofres, onde estão adormecidos. O que na realidade se torna indispensável é apresentá-los ao conhecimento público como se pretende pela presente notícia.

Castelo-Branco, Julho de 1944.

A. ELIAS GARCIA.